



VIDA E OBRA DE LIEV TOLSTÓI  
MATERIAL COMPLEMENTAR DA ANÁLISE DOS CONTOS DE TOLSTÓI

# VIDA E OBRA DE LIEV TOLSTÓI

REDIGIDO POR RODRIGO KOCH

Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910) é um escritor russo consagrado, um dos maiores nomes do cânone literário mundial. Seus principais romances são Guerra e Paz (1869) e Anna Kariênina (1877), mas seu legado se estende por diversas outras obras nos gêneros romance, novela, conto, peças de teatro, ensaios filosóficos, além de diários e cartas.

Tolstói nasceu em Iásnaia Poliana, propriedade rural de sua família, a 200 km de Moscou. De família nobre, era o quarto dos cinco filhos do conde Nikolai Tolstói e da princesa Maria Volkonskaia. Os pais morrem cedo. Liev Nikoláievitch e os irmãos são criados por parentes.

O autor ingressou na Universidade de Kazan em 1844, onde começou a estudar línguas orientais e, mais tarde, direito, mas não concluiu nenhum dos dois cursos. Em 1847, abandonou os estudos devido a problemas de saúde e "circunstâncias domésticas", além da decepção com o sistema tradicional de ensino. Em seguida, retornou a Iásnaia Poliana. Os primeiros registros conhecidos dos diários de Tolstói datam desse ano. Seus diários viriam a constituir uma obra bastante extensa, além de terem servido





Em 1853, iniciou-se a Guerra da Crimeia, na qual o Império Russo enfrentou uma aliança composta por Reino Unido, França, Reino da Sardenha e Império Otomano (atual Turquia). Servindo inicialmente na frente do Danúbio, Tolstói solicitou transferência para Sebastópol, sitiada pelos oponentes, onde passou a servir até a queda da cidade em agosto de 1855. As experiências militares lhe servem de base para os Contos de Sebastópol, cujos volumes foram publicados entre 1855 e 1856 e lhe garantiram reconhecimento como grande autor. Após o tratado de paz que encerra a guerra em 1856, Tolstói passou a frequentar círculos literários em São Petersburgo, onde conheceu personalidades como o escritor Ivan Turguêniev (1818-83). No mesmo ano, publica o conto "A Nevasca". Nessa época, o escritor doou suas propriedades aos servos que nelas trabalhavam com o intuito de que eles se libertassem.

Nos anos seguintes, o autor fez duas viagens pela Europa, a primeira em 1857 e a segunda entre 1860 e 1861. Ambas influenciaram tanto sua literatura quanto a postura anarquista, espiritual e não-violenta que Tolstói passa a defender nas últimas décadas de vida. Na primeira viagem, visitou Paris, Genebra e Baden-Baden na Alemanha. Em Paris, viveu uma experiência traumática que o marcou para toda a vida: testemunha uma execução pública na guilhotina. Mais tarde, ele viria a escrever em uma carta: "A verdade é que o Estado é uma conspiração elaborada não apenas para explorar, mas acima de tudo para corromper seus cidadãos. Dessa forma, eu jamais servirei nenhum



governo em lugar nenhum." Na segunda viagem, visitou a França, Alemanha, Itália e Inglaterra. É quando conhece Victor Hugo, que havia acabado de escrever *Lés Misérables* (Os miseráveis), romance que influenciou a composição de *Guerra e Paz*. Outro encontro se dá com Pierre-Joseph Proudhon, anarquista que vivia em exílio em Bruxelas. Tolstói troca com ele ideias sobre o sistema educacional e resenha seu livro *La Guerre et la Paix* (A guerra e a paz), cujo título mais tarde tomaria emprestado. Ainda nesse período, o autor se desentende com Turguêniev e o desafia para um duelo, que nunca chegaria a acontecer; além disso, perde bastante dinheiro em jogatinas.

Na Rússia, essa foi uma época de mudanças sociais, havendo a emancipação dos servos, a instituição de câmaras municipais eletivas (os zemstvos), o início da industrialização intensiva e a propagação de ferrovias.

Ao retornar da viagem, Tolstói fundou uma escola para filhos de camponeses conforme suas próprias visões pedagógicas: um sistema de ensino sem punições físicas e que defendia o progresso através de certa aproximação da cultura ocidental, dentre outras reformas educacionais. Logo depois, iniciou a revista *Iásnaia Poliana*, em que retrata sua experiência pedagógica e inclui material didático. A revista causou grande polêmica. Uma investigação da polícia secreta czarista e problemas financeiros o levaram a interromper a publicação e a fechar a escola, que é considerada por alguns como a primeira instituição a verdadeiramente praticar uma educação democrática. Em 1862,



Tolstói se casa com Sófia Andréievna Behrs, com quem teria treze filhos, cinco dos quais viriam a falecer ainda na infância. A jovem tinha dezoito anos na época, e não era uma moça fútil da aristocracia, mas sim uma personalidade ambiciosa, que auxiliou Tolstói em sua carreira e até deixou seus próprios escritos, apesar do status inferior da mulher naquela sociedade.

Os primeiros anos de casamento correram bem. Sófia Andréievna auxiliou Tolstói na revisão de Guerra e Paz e Anna Kariênina e administrava as finanças. Além disso, ela traduziu vários textos do marido para o francês e deixou uma extensa obra autobiográfica e ficcional. Entretanto, com a aproximação da fase mais madura de Tolstói, quando ele adquiriu convicções políticas e religiosas mais radicais, a relação do casal se deteriora.

No ano seguinte ao casamento, o autor inicia um romance intitulado Os Dezembristas, por tratar da Revolta dezembrista na Rússia em 1825, na qual três mil soldados do exército russo se voltaram sem sucesso contra a coroação do Imperador Nicolau I, após seu irmão ter abdicado do trono. A obra é abandonada. Entretanto, mais tarde, as causas da Revolta dezembrista são exploradas na obra-prima de Tolstói, publicada em partes entre 1865 e 1869, Guerra e Paz. O extenso romance é considerado uma das mais importantes obras literárias já escritas, explorando em prosa realista e através de extensa pesquisa histórica, os eventos relacionados à invasão francesa da Rússia e as







Com a radicalização de suas convicções, aumenta o atrito entre a sua esposa e o seu auxiliar mais próximo, o editor Vladímir Grigórievitch Tchertkov, que pressionava o autor a abandonar a vida burguesa e também a renunciar aos direitos autorais de suas obras, por considerarem imoral que elas gerassem lucro.

Entre 1885 e 1886, Tolstói trabalha junto de Tchertkov em uma editora de publicação de contos populares edificantes para camponeses e outras pessoas simples. Nesses textos, Tolstói se afastava da sabedoria livresca enquanto buscava uma aproximação com o povo, entendendo a necessidade de se comunicar com ele. Como consequência, o tom moralizante dessas obras é mais enfático. A editora distribuiu milhões de exemplares por diversas regiões do país e Tolstói é reconhecido no mundo como o representante da consciência moral do povo russo. Nessa fase mais tardia está incluso "O patrão e o trabalhador" (1895), que retrata o senhor como dependente de seu servo, e este como uma figura mais sábia e forte. A mensagem moral do texto é expressa de forma muito clara.

Em 1886, publica a novela A morte de Ivan Ilitch, uma de suas maiores obras, centrada em um homem com consciência de estar prestes a morrer e que passa a questionar a mesquinhez humana em relação à riqueza e ao poder. Outra obra relevante é a novela Sonata a Kreutzer, publicada três anos mais tarde e causadora de grande polêmica por defender a abstinência sexual, argumentando que a atração entre os sexos resulta em



tragédias. A obra é proibida, mas a esposa de Tolstói consegue autorização para publicá-la em uma edição de obras escolhidas. Pouco tempo mais tarde, Tolstói finalmente renuncia aos direitos das obras publicadas a partir de 1881, o que acarreta problemas financeiros na família.

Também no assunto da estética, Tolstói defendeu opiniões fortes. Contrário à realização de arte por si mesma, acreditava que a moralidade era um dos critérios para julgar a arte. Em 1896, assiste a Hamlet e Rei Lear e critica Shakespeare veementemente, argumentando que suas peças continham conteúdo moralmente suspeito, chegando até a afirmar que o dramaturgo não era um artista, apesar de suas qualidades. Suas opiniões sobre arte e literatura são expressas em *O que é a arte?*, publicado em 1897.

O último romance de Tolstói é *Ressurreição*, publicado em folhetim em 1899. O enredo da obra trata do remorso moral de Dmitri Ivanovitch Nekhliúdob ao descobrir que a breve relação que teve anos antes com uma criada havia resultado na demissão da mesma. A criada teve de recorrer a uma vida de prostituição e acabou julgada por assassinato. Em suas tentativas de ajudá-la, o personagem entra em contato com realidades além de sua vida aristocrática, nas quais existe miséria e opressão. Contrastando a obra com os dois romances precedentes de Tolstói, o tradutor Rubens Figueiredo expõe:

"Em comparação com seus dois grandes romances anteriores – *Guerra e paz* (da



década de 1860) e Anna Kariênina (da década de 1870) , Ressurreição parte de uma estrutura e de um conceito distintos. Guerra e paz tende a apresentar um panorama idílico da nobreza russa, ainda que não de modo unívoco. Anna Kariênina reflete, em forma de crise, o conflito entre os nobres e seus próprios privilégios, contra o fundo da desigualdade da sociedade russa. Ressurreição, por sua vez, põe em primeiro plano o próprio conflito, de forma direta e em todo o seu alcance. Focaliza o sistema judiciário e prisional, um cenário e um contingente humano muito diferentes do que encontramos nos romances anteriores. Desse ângulo, Tolstói lança sobre a sociedade inteira uma luz capaz de pôr a nu o sentido da violência, oficial ou não, e sua relação com os privilégios."

Por escrever obras classificadas pela Igreja Ortodoxa russa como repugnantes para Cristo, e também por dar apoio a um grupo de camponeses que vivia comunitariamente sob preceitos cristãos e que se recusava a servir o exército, Tolstói foi excomungado em 1901. Quando ocorreu a Revolução Russa de 1905 por mudanças sociais, Tolstói atacou todos os lados envolvidos. A vida familiar do escritor se tornou ainda mais complicada nessa última década de vida. Sua esposa e seu amigo e seguidor Tchertkov vivam em constante atrito, e Sófia Andréievna ameaçou suicídio em algumas ocasiões, chegando mesmo a uma tentativa em 1910.

Uma das causas para as más relações entre Sófia e Tchertkov eram os diários de Tols-



tói. Nos últimos anos, o escritor encarregou Tchertkov de guardar seus diários para serem publicados após sua morte. O problema era a franqueza com que Tolstói escrevia sobre pessoas de seu convívio, inclusive os familiares, muitas vezes os expondo de forma ofensiva. A ele não importava que essas informações, mesmo que mantivesse muitas como segredo em vida, viessem ao conhecimento público quando morresse. A forma que Sófia Andréievna encontra para se vingar é escrever seus próprios diários, registrando detalhes íntimos e até sexuais de sua vida conjugal.

Em 1910, Tolstói deixa uma carta de despedida e parte de casa com intenção de se isolar numa vida monástica. Na estação de Astápovo, no entanto, o escritor morre de pneumonia. O enterro se dá conforme suas vontades: apenas um pequeno monte de terra em Iásnaia Poliana, sem luxos.

